

GIULIA LANCIANI, PHILOLOGIST AND LUSITANIST

Resumo

O artigo apresenta a atividade de Giulia Lanciani como lusitanista, procurando reconstruir o fecundo diálogo entre a cultura literária medieval e os autores e as obras da literatura moderna e contemporânea de Portugal e do Brasil, que esta estudiosa italiana identificou ao longo de quase cinquenta anos de investigação.

Palavras-chave

Giulia Lanciani, Lusitanista, Cultura medieval.

Abstract

The article presents the activity of Giulia Lanciani as a lusitanist, seeking to identify the fruitful dialogue between medieval literary culture and the authors and works of modern and contemporary literature from Portugal and Brazil, which this Italian scholar has identified over almost fifty years of research.

Keywords

Giulia Lanciani, Lusitanist, Medieval culture.

Referencia: de Marchis, G. (2020). Giulia Lanciani, filóloga e lusitanista. *Cultura Latinoamericana*, 32(2), pp. 170-180. DOI: <http://dx.doi.org/10.14718/CulturaLatinoam.2020.32.2.7>

GIULIA LANCIANI, FILÓLOGA E LUSITANISTA

*Giorgio de Marchis**
Università degli Studi Roma Tre

DOI: <http://dx.doi.org/10.14718/CulturaLatinoam.2020.32.2.7>

Em 2014, aquando da receção de Giulia Lanciani como académica honorária da Real Academia Galega, Rosario Álvarez (2014) apresentou nestes termos a vasta atividade científica da estudiosa italiana:

Poderíase resumir o seu amplo currículo investigador en tres liñas privilexiadas, que citarei en orde cronolóxica inversa: a literatura contemporánea de expresión portuguesa, os textos portugueses da Idade Moderna (sobre todo ligados ao teatro e á literatura de viaxes) e a nosa poesía lírica medieval. Únase a isto, ademais, a súa preocupación pola tradución e divulgación de autores portugueses, brasileiros e galegos contemporáneos (p. 22)

Três linhas de investigação que se entrecruzam, mas que, a meu ver, mantêm como solidíssimo alicerce um profundo conhecimento da literatura medieval. Poder-se-ia dizer que a prática exegética desta filóloga tem a sua base epistemológica na cultura literária da Idade Média, que na sua atividade crítica se prolonga até obras e autores da época moderna e contemporânea.

Perante a vasta bibliografia de Giulia Lanciani dir-se-ia que, às camonianas memórias gloriosas, esta lusitanista sempre preferiu as histórias trágico-marítimas, as incertas peregrinações americanas de

* Professor titular de Literatura portuguesa e brasileira no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas Estrangeiras da Universidade Roma Tre, onde coordena a Cátedra Camões I.P. “José Saramago” e a Cátedra “Agostinho Neto”. No âmbito das suas investigações, organizou edições crítico-genéticas de obras de Mário de Sá-Carneiro e José Régio. Além de se interessar pelo romance português e brasileiro contemporâneo, escreveu livros, artigos e ensaios sobre obras e autores oitocentistas. Traduziu autores portugueses, brasileiros, angolanos e moçambicanos para várias editoras italianas. ORCID: 0000-002-4668-3041. Correio electrónico: giorgio.demarchis@uniroma3.it

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido na Università degli Studi Roma Tre.



um Gaspar Afonso ou as peripécias no Oriente de figuras de incerto heroísmo como Fernão Mendes Pinto. Talvez esta predileção pela ver-tente menos enfática e celebrativa da literatura quinhentista se possa em parte justificar, precisamente, pelo interesse que a estudiosa italia-na sempre mostrou pelos vestígios da cultura medieval na moderni-dade lusitana.

É sobejamente conhecida a imprescindível contribuição que Giu-lia Lanciani deu aos estudos da literatura medieval galega e portu-guesa. O legado, em parte disperso em artigos publicados em revistas de não fácil acesso, merecia ser reunido numa publicação unitária e, por essa razão, em 2010, com a cumplicidade de Giuseppe Tavani, organizei um volume intitulado *La meccanica dell'errore*, no qual recolhi ensaios e artigos, onde a autora abordava questões textuais e metodológicas, reconstruía perfis biográficos de trovadores e jograis e analisava as relações culturais e as condições sócio-culturais dos con-textos de receção e reelaboração de modelos provençais, na península ibérica centro-ocidental. Estudos nos quais Giulia Lanciani refletia sobre a complexa tarefa de libertar o texto dos sedimentos do tempo e das consequências do desleixo dos homens, devolvendo-o a uma condição a mais próxima possível da sua originária autenticidade. O volume encerrava-se com a *Lectio Magistralis*, que Giulia Lanciani (2010c) ministrara, a 12 de maio de 2010, no Departamento de Lite-ratura Comparada da Universidade Roma Tre; nessa ocasião, a auto-ra, definindo-se uma “modesta cultrice della filologia”, declarou com orgulho a sua formação filológica e o desejo de manter-se na senda da tradição de estudos, na qual mais se reconhecia:

Ed è dunque mio desiderio di perseverare “diabolicamente” in un intento mosso non già dalla *libido sciendi* —l'erudizione fine a se stessa— bensì da una sorta di *libido delectandi*, la ricerca disinteressata e per me (masochis-ticamente?) divertente dell'autentico, la ricostruzione – sempre ipotetica ma sempre avvincente – di assetti testuali, di profili di poeti, di rapporti culturali, e degli ambienti che li hanno prodotti o stimolati. Potrà sem-brare presuntuoso, da parte mia, l'aver voluto misurare il mio futuro di modesta cultrice della filologia con le sorti che le circostanze, ma anche l'impegno dei filologi, dei giovani filologi – rari ma esistenti – riservano alla disciplina che mi onoro di aver coltivato e che mi propongo di colti-vare ancora a lungo. (p. 178)

Esta rigorosa perspectiva filológica, a necessidade de nunca descuidar a reconstrução histórica, inserindo sempre as obras no



seu contexto de produção, e o profundo conhecimento da cultura medieval orientaram, de resto, boa parte dos estudos literários que Giulia Lanciani escreveu ao longo de quase cinquenta anos de investigação. No que diz respeito à literatura portuguesa, o arco temporal sobre o qual esta estudiosa se debruçou vai idealmente desde as cantigas de Fernan Velho até aos versos de Manuel Alegre, abrangendo até autores que surgiram nas primeiras duas décadas do século XXI. Contudo Lanciani, mesmo dedicando o seu interesse e a sua capacidade ecdótica a autores contemporâneos como Fernando Pessoa, Carlos de Oliveira ou Manuel Bandeira, não deixaria nunca de considerar a cultura medieval uma chave privilegiada para a interpretação da modernidade, tardia e periférica, de Portugal e do Brasil. Deste ponto de vista, o ensaio que abre o volume de estudos medievais, *L'ambasceria portoghese a Leone X e la lirica galego-portoghese*, é, a meu ver, exemplar porque nessas poucas páginas Lanciani (2010a) explicita a ponte que une o incontornável século das Descobertas com a memória histórico-literária da Idade Média:

Non sarà dunque eccessivo affermare che l'ambasceria del 1514, trasferendo temporaneamente in Italia i due canzonieri —o, se si preferisce, l'unico canzoniere— di cui si è interessato l'umanista italiano, ha contribuito in modo determinante a salvare una memoria storico-letteraria, altrimenti ridotta a poche, labili tracce. E senza la curiosità intellettuale di Colocci e la cura che potremmo definire quasi filologica da lui dedicata ai suoi due canzonieri, quella memoria sarebbe scomparsa quasi per intero nel nulla, assieme a poco più di 1300 dei testi che la formavano e ai nomi di 152 degli autori che l'avevano costruita. (p. 22)

A persistência do legado medieval na cultura moderna portuguesa parece-me, deste ponto de vista, uma linha de investigação preferencial que caracteriza muitos dos trabalhos que Giulia Lanciani dedicou à literatura dos séculos XVI e XVII, atraída não tanto pela fastuosidade imperial quanto pela vertente menos celebrativa, “la vita di questo Portogallo minore, rovescio negativo e spicciolo del Portogallo gloriosamente imperialistico che nel secondo Cinquecento domina il mondo dal Brasile alla Cina e al Giappone e all'Indonesia” (Lanciani, 2010b, p. 156). Entre os vários exemplos que se poderiam citar desta procura das férteis sobrevivências medievais na literatura quinhentista, as *parvoices* de António Ribeiro Chiado, que renovam o género do *enuég*, inserindo na estrutura tradicional do modelo provençal temas e motivos “di una realtà caleidoscopia e poliedrica nei suoi aspetti,



nelle sue contingenze” (p. 156). Segundo a especialista italiana, no âmbito de uma sociedade portuguesa em transição e em profunda mudança, Chiado recupera uma género literário medieval, adaptando-o a um contexto sócio-económico e cultural quinhentista sem, contudo, renunciar à força irónica e satírica do modelo original, “a riprova che il medioevo in Portogallo allunga alcune propaggini, fertili di prodotti ancora interessanti, ben oltre i limiti cronologici entro i quali umanesimo, renaissance e rinascimento lo hanno altrove racchiuso, decretandone una fine forse prematura” (p. 160). Na mesma perspectiva interpretativa, coloca-se a leitura que a estudiosa faz do plurilinguismo no teatro de Gil Vicente. Neste caso, mesmo reconhecendo a escassa presença do fenómeno nos trovadores galego-portugueses, Lanciani identifica no recurso à “lingoa picarda” por parte do diabo no gilvicentino *Auto das Fadas*, um claro modelo originário do teatro quatrocentista francês, confirmando mais uma vez o fértil diálogo que a modernidade portuguesa mantém com a tradição medieval:

Gil Vicente è l’erede della tradizione drammatica medievale di cui è massimo rappresentante oltre che l’epigono. Nella sua vasta produzione confluiscono tutte le esperienze che il medioevo, soprattutto francese, ma anche gli anni immediatamente precedenti la sua entrata in scena, avevano compiuto nella reinvenzione del teatro. (Lanciani, 2002, p. 196)

Ainda no século XVI, significativos vestígios da cultura medieval são detetados também na toponomástica camoniana, que, segundo Lanciani, confirma (pelo menos parcialmente) a sobrevivência no imaginário moderno da teoria ptolemaica e do *mundus mirabilis* de matriz clássica. Uma persistência aparentemente incompreensível — tendo em conta a dilatação dos conhecimentos geográficos e a própria experiência geográfica do autor — que, porém, a estudiosa italiana justifica a partir do precário equilíbrio entre a experiência direta e a autoridade dos clássicos que, desde a Idade Média, vigora ainda em plena época das Descobertas:

Questo atteggiamento prolunga nel mondo rinascimentale — soprattutto, anche se non esclusivamente, in Portogallo — la tendenza della cultura medievale a misurare ogni nuova acquisizione con le conoscenze dei testi classici, a confortare la paura dell’ignoto e lo sconcerto nei confronti del nuovo con il richiamo costante alle nozioni ereditate da un mondo classico assunto dall’uomo medievale a paradigma di vita. (Lanciani, 2006d, p. 180)



Sendo assim, não surpreende que também na sua análise da *Carta do Achamento* Giulia Lanciani reconheça a presença da tradição medieval cristã e o peso das suas *mirabilia* perdidas. A carta de Pêro Vaz de Caminha confirma, na leitura lancianiana, que, navegando por mares nunca dantes navegados, a incidência da tradição clássica e medieval é maior do que as evidências da cosmografia mais avançada e do saber *de experiências feito*. De facto, se o anónimo piloto português ainda consegue interpretar Vera Cruz como terra firme – “A terra é muito abundante de árvores e de águas, milho, inhame e algodão, e não vimos animal algum quadrúpede; o terreno é grande, porém não podemos saber se era ilha ou terra firme, ainda que nos inclinámos a esta última opinião pelo seu tamanho” (Anónimo, 1989, p. 39) — a fórmula de despedida usada por Pêro Vaz de Caminha— que beija “as mãos de Vossa Alteza. Deste Porto Seguro, da vossa ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de Maio de 1500” (Caminha, 1989, p. 26) —testemunha que os conhecimentos geográficos adquiridos, através da experiência, não permitem a racionalização da descrição das novas terras. Estas, para serem apresentadas em termos literários, precisam do recurso por parte do autor à categoria retórico-poética do *locus amoenus*— de origem clássica, mas que chega ao imaginário do escritor de bordo quincentista filtrada pela sensibilidade cristã e medieval, obrigando-o a manipular a geografia real, incorporando e amplificando os paradigmas da metáfora insular:

Pero Vaz de Caminha consegna al sovrano il nuovo spazio tradotto nell’incanto e nelle sembianze dell’eden. Quella terra sconosciuta, quell’alterità estrema viene adeguata ad un modello rassicurante, e l’adeguamento si spinge fino al recupero dell’immagine che individualizza il luogo paradisiaco, ovvero l’isola. (Lanciani, 2006a, p. 12)

Como é sabido, o nome de Giulia Lanciani encontra-se inquestionavelmente ligado aos relatos de naufrágio, de que a especialista italiana evidenciou a homogeneidade estrutural e o carácter essencialmente narrativo e literário — “si ha a che fare con dei testi soprattutto narrativi, i quali appunto per questo rispondono innanzitutto ad una schietta motivazione letteraria” (Lanciani, 1991, p. 64). Perante um *corpus* problemático— constituído por dezanove relatos, escritos e publicados em Portugal entre a segunda metade do século XVI e o fim do século XVIII e parcialmente reunidos por Bernardo Gomes de Brito nos dois volumes da sua *História trágico-marítima*, Lanciani, com rigor filológico, identifica a natureza essencialmente narrativa de



textos cujos autores souberam reelaborar, graças a elevados conhecimentos retóricos, um modelo ficcional tradicional. Descartando uma abordagem meramente temática e privilegiando uma rigorosa análise textual, no seu incontornável *Tempeste e naufragi sulla via delle Indie*, a autora demonstra a organização dos relatos numa homogénea série narrativa, constituída por sete unidades (antecedentes, partida, tempestade, naufrágio, arribada, peregrinação, retorno) com possibilidade de uma variante alternativa (antecedentes, partida, ataque corsário, captura, impiedade dos inimigos, peregrinação e retorno). Uma proposta hermenêutica que leva Lanciani a identificar um modelo presente na prosa portuguesa (e não só) medieval e renascentista. A proposta lancianiana é indiretamente confirmada pelo regresso à fonte originária do texto mais tardio, o relato do pseudo-naufrágio do patacho Nossa Senhora da Candelária, atribuído a Francisco Correia e escrito entre 1693 e 1699; um texto que recupera os *topoi* do modelo medieval (a ilha desconhecida apresentada em termos de *locus amoenus*, a presença de um bestiário fantástico e a figura do ermita), revelando a ascendência médio-latina do género, identificada nos relatos de viagens fantásticas para além do mundo da tradição atlântica cristã e, especificamente, na *Vida de Santo Amaro*:

Il modello più diretto va tuttavia cercato nella letteratura mediolatina, e più precisamente nelle narrazioni di viaggio fantastici oltremontani, come la *Visio Tundali*, la *Navigatio Sancti Brandani*, il *Purgatorium Sancti Patricii*, l'*Alexandri Magni iter ad Paradisum* volgarizzate – oltre che in francese – in portoghese (*Visão de Tundalo*, *Navegação de S. Brandão*) e/o in castigliano (*Libre de Alexandre*) e in catalano (*Viatge al Purgatori de Sant Patrici*), che hanno avuto una notevole diffusione in area iberica fino a tutto il XV secolo e, in parte, nel XVI secolo. Ma tra i racconti fantastici, è la *Vida de Santo Amaro* il testo che più degli altri presenta uno schema narrativo confrontabile con quello dei resoconti di naufragi. (Lanciani, 1991, p. 67)

Para além das grandes unidades de narração, Lanciani põe em evidência a analogia entre os relatos de naufrágio e as novelas medievais através de vários microelementos: a presença de uma montanha, que os náufragos durante a sua peregrinação têm de escalar para alcançar a salvação, ou de um rio que impede o caminho; a ameaça de feras selvagens e as considerações do autor sobre as razões que levaram a enfrentar a viagem e, a outro nível, os pecados que causaram o seu fracasso. Considerando este último aspeto, a estudiosa italiana realça que



os autores dos relatos nunca enfrentam os motivos de fundo da crise geral pela qual estava a passar a sociedade portuguesa. Alvo preferido do seu juízo exclusivamente moral são sempre as culpas e os pecados individuais:

In altri termini, gli autori di questi resoconti, religioso o laici, si preoccupano costantemente di pareggiare l'esposizione dei misfatti settoriali ai quali può essere imputato il disastro con il racconto della punizione, divina o umana, cui sottostanno gli individui o i gruppi che ne portano la responsabilità diretta. (Lanciani, 1991, p. 53)

A natureza essencialmente moral da interpretação do naufrágio faz com que estes relatos se tornem *exempla* de clara matriz medieval, articulando a organização do texto em três níveis: narrativo (os relatos contam uma história), interpretativo (os autores decifram o significado do evento narrado, comentando-o) e pragmático (os leitores derivam do significado da história uma unívoca regra de conduta). Esta filiação torna-se especialmente evidente no naufrágio “americano” de Gaspar Afonso no qual o autor, seguindo o modelo da literatura jesuítica, se propõe informar e educar ao mesmo tempo os seus leitores, recorrendo a exemplares punições de pecadores a fim de denunciar os horrores da colonização brasileira:

Gaspar Afonso, da buon gesuita, escogita o recupera esempi ammonitori per ogni sorta di colpa, riferendoli ovviamente come fatti realmente avvenuti e di cui egli stesso o persone degne di fede sono stati testimoni. (...) Gli *exempla* procedono in un crescendo di sensazionalismo, conseguente al carattere e all'entità del reato: lo schiavista “illegale” precipiterà in un lago di fuoco, trascinatovi dagli stessi indios che egli ha sradicato dal loro habitat per gettarli nell'inferno delle piantagioni o delle miniere. (Lanciani, 2006c, p. 141)

Poder-se-iam citar muitos outros casos identificados por Giulia Lanciani da vitalidade da cultura medieval na literatura moderna portuguesa, mas gostaria de concluir este artigo com um último exemplo, retirado da época contemporânea e, mais precisamente, da literatura produzida por autores religiosos no Brasil do século XX e destinada aos primeiros imigrantes italianos, prevalentemente originários da região do Vêneto. A inesgotável curiosidade desta filóloga italiana levá-la-á, em 1997, a investigar também a paraliteratura produzida no Brasil pela comunidade italiana, reservando especial atenção ao



romance-folhetim *Vita e stória de Nanetto Pipetta, nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la cucagna*, publicado entre 1924 e 1925 na *Staffetta Riograndense*, semanário dos frades capuchinhos de Caxias do Sul. Não é apenas a “invenção” de uma nova etnicidade que suscita a curiosidade da investigadora, apesar de que a criação do *talian* — “sorta di lingua franca o koinè, a base dialettale prevalentemente veneta, ma con innesti notevoli lombardi, trentini, friulani, ampiamente utilizzata per gli scambi e le comunicazione tra gruppi dialettalmente diversi” (Lanciani, 1997, p. 110)— não podia deixar de interessar uma autora que já se tinha dedicado ao estudo dos comportamentos expressivos, gerados pelas coexistência no mesmo território de comunidades heterolinguísticas, durante a Reconquista ibérica. Neste caso, porém, é o Brasil-*Cuccagna* que chama em causa a sobrevivência transatlântica da cultura medieval europeia (atraindo provavelmente a atenção de Lanciani para um texto de modestíssimas qualidades literárias). De facto, a miragem americana de Nanetto Pipetta tem sólidas raízes na Idade Média e, como escreve Massimo Montanari (1993), nos pavores pluris-seculares da cultura rural europeia:

L’antidoto più efficace alla paura della fame è il sogno. Il sogno della tranquillità e del benessere alimentare; o piuttosto dell’abbondanza, dell’abbuffata. Il sogno di un paese di Cuccagna dove il cibo sia inesauribile e a portata di mano; dove gigantesche pentole di gnocchi siano rovesciate su montagne di formaggio grattugiato; dove le vigne siano legate con le salsicce, e i campi di grano recintati di carne arrosto. L’immaginario cuccagnesco, sorta di versione popolare delle “colte” mitologie edeniche, prende corpo fra XII e XIV secolo. (p. 118)

Como Giulia Lanciani já evidenciara, analisando em 1993 o recurso à categoria interpretativa da “ilha” no achamento do Brasil, o indecifrável Novo Mundo obriga os seus intérpretes a transferir e adaptar ao contexto americano as tradicionais categorias do maravilhoso,

[...] il salto al di là del mondo abituale non può che avvenire, almeno inizialmente, redimendo le immagini ignote con gli occhi della familiarità. (...) La memoria del passato diviene sentiero di conoscenza: la funzione del mito è allora quella di rendere dicibile quel che non ha nome, evitando così la vertigine dello spaesamento nell’oceano del diverso. (Lanciani, 2006b, p. 19)



Esta é a razão pela qual a insaciável fome dos camponeses italianos projeta na América sonhos de fartura e de abundância alimentar. Como escreve mais uma vez Montanari (1993):

[...] l'ansia di scoperte e di nuove conoscenze, che caratterizza il lungo periodo dei viaggi oltre Oceano, sembra coinvolgere anche la fantasia popolare. L'utopia cuccagnesca e i sogni di abbondanza vengono proiettati nelle terre al di là del mare, che si immaginano ricche di ogni ben di Dio, riserve infinite di cibo. (p. 123)

É precisamente esta miragem *cuccagnesca* que, ainda no século XX, levará Nanetto Pipetta ao Brasil e a uma morte trágica e, mais uma vez, exemplar. Nas páginas de Aquiles Bernardi, escritas com evidentes fins educativos e claras motivações ideológicas, Nanetto Pipetta torna-se parábola da emigração de perdição, com todas as características próprias da exemplaridade medieval, agora adaptada à ficção folhetinesca, mas que já tinha sido recuperada, no contexto americano, pelos autores jesuítas do século XVI e XVII:

Nanetto è l'antieroe per eccellenza, che non risponde al modello dell'immigrato contadino, laborioso e religiosamente osservante, ed è delegato da suo autore a svolgere una funzione essenzialmente demistificatrice del "sogno dell'emigrante" in quanto si propone di mostrare ai coloni quanto sia vano aspirare al paese di Cuccagna, e quanto tragicamente possa concludersi quel sogno. (Lanciani, 1997, pp. 112-113)

Em conclusão, as abordagens críticas de Giulia Lanciani ao teatro português do século XVI, à literatura de viagens quinhentista e às obras de autores contemporâneos permitem amiúde identificar fecundas interseções com a cultura medieval. Um legado de árdua individuação, mas persistente, que a lusitanista italiana —pouco interessada nas façanhas dos heróis— foi procurar nas inglórias páginas dedicadas a naufragos, emigrantes e pobres diabos.

Referências

Alvárez, R. (2014). Resposta. In *Aventuras e desventuras da transmissão manuscrita da lírica medieval galega* (pp. 19-27). A Coruña: Real Academia Galega.



- Anónimo. (1989). *Navegação do capitão Pedro Álvares Cabral escrita por um piloto português*. In L. de Albuquerque (Dir.), *O reconhecimento do Brasil* (pp. 35-66). Lisboa: Publicações Alfa.
- Caminha, P. Vaz de. (1989). Carta de Pêro Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel. In L. de Albuquerque (Dir.), *O reconhecimento do Brasil* (pp. 7-34). Lisboa: Publicações Alfa.
- Lanciani, G. (1991). *Tempeste e naufragi sulla via delle Indie*. Roma: Bulzoni.
- Lanciani, G. (1997). Da Nanetto Pipetta a La Divina Increnca di Juó Bananére. In C. Camplani, C. Camplani Costa, M. Sánchez y P. Spinato (Eds.), *Italia, Iberia y el Nuevo Mundo* (pp. 107-116). Roma: Bulzoni.
- Lanciani, G. (2002). Il plurilinguismo nel teatro di Gil Vicente. In F. Brugnolo, V. Orioles (Eds.), *Plurilinguismo e Letteratura. II - Eteroglossia e plurilinguismo letterario* (pp. 195-201). Roma: Il Calamo.
- Lanciani, G. (2006a). Le scoperte e l'isola: storia di una metafora. In *Morfologia del viaggio. L'avventura marittima portoghese* (pp. 7-13). Milano: Led.
- Lanciani G. (2006b). Il meraviglioso come scarto tra sistemi culturali. In *Morfologia del viaggio. L'avventura marittima portoghese* (pp. 15-21). Milano: Led.
- Lanciani, G. (2006c). L'Oriente negato di Gaspar Afonso. In *Morfologia del viaggio. L'avventura marittima portoghese* (pp. 135-158). Milano: Led.
- Lanciani, G. (2006d). Mito ed esperienza nella nomenclatura geografica dei Lusiadi. In *Morfologia del viaggio. L'avventura marittima portoghese* (pp. 171-181). Milán: Led.
- Lanciani, G. (2010a). L'ambasceria portoghese a Leone X e la lirica galego-portoghese. In G. de Marchis (Ed.), *La meccanica dell'errore. Studi di letteratura medievale* (pp. 15-23). Roma: Viella.
- Lanciani, G. (2010b). Dagli enuegs alle parvoices. In G. de Marchis (Ed.), *La meccanica dell'errore. Studi di letteratura medievale* (pp. 151-163). Roma: Viella.
- Lanciani, G. (2010c). *C'è un futuro per la filologia?*. In G. de Marchis (Ed.), *La meccanica dell'errore. Studi di letteratura medievale* (pp. 173-178). Roma: Viella.
- Montanari, M. (1993). *La fame e l'abbondanza. Storia dell'alimentazione in Europa*. Roma-Bari: Editori Laterza.